

INTRODUÇÃO

Em meados da década de 1920, os sócios do Aliança Club nutriam um hábito intrigante. Sociedade carnavalesca formada pelos operários da Fábrica de Tecidos Aliança, das Laranjeiras, o grêmio não tinha entre seus objetivos nenhum tipo de interesse literário ou artístico, e era constituído com o fim único de garantir aos seus membros meios de aproveitar o reinado de Momo. Apesar disso, todo ano a diretoria da associação fazia questão de visitar solenemente uma figura a quem ia pedir sugestões de tema para o desfile que apresentaria pelas ruas: o escritor Henrique Maximiniano Coelho Netto, um consagrado literato da Academia Brasileira de Letras. Mais do que contar com seu apoio, os sócios do clube faziam questão de homenageá-lo nas proximidades do Carnaval, de modo a evidenciar a admiração que nutriam pelo patrono. Na véspera do desfile oficial, realizado na avenida Rio Branco, iam para a frente da casa de Netto “com suas músicas e indumentárias características, coros de pastorinhas, danças bárbaras entremeadas de silvos agudos e batuques surdos, num círculo de lanternas e fogos de bengala”. “Poucas manifestações tocaram tão fundamente a sensibilidade do escritor, como as que ele recebeu do Aliança Club”, testemunhava muitos anos depois um de seus filhos, a atestar a importância que o literato atribuía às demonstrações de apreço que recebia dos membros da associação.¹

Manifestações como a do Aliança Club não constituíam casos isolados na vida do escritor. Martins Fontes, que, mesmo residindo em Santos,

1 Paulo Coelho Netto. *Coelho Netto*. Rio de Janeiro: Valverde, 1942, p. 171-172.

era assíduo frequentador das reuniões realizadas na casa do literato, descreve o susto de todos em um fim de tarde quando, na mesa do jantar, começaram a ouvir “surpresas fantásticas”: “era a ‘Flor do Abacate’, incorporada, que vinha entre cantigas e réco-récos, trazer ao maior novelista do Brasil o título de sócio benemérito”.² Segundo outros relatos, nesse período Netto era ainda presença constante nos festejos promovidos pelo rancho Ameno Resedá, do Catete – uma das mais importantes sociedades carnavalescas constituídas por trabalhadores. Recebido sempre com orgulho por um diretor da associação, era levado a fazer pequenos discursos e pronunciamentos aos seus sócios, nos quais saudava “a alegria demonstrada por todo esse *ameno* conjunto”.³ Chegou mesmo a tornar-se paraninfo da nova sede para a qual se mudava o grêmio em 1922, na mostra inequívoca da grande popularidade de que o literato gozava entre os trabalhadores que compunham associações como essa.

Tal popularidade seria definitivamente atestada quando, no dia 28 de novembro de 1934, o escritor faleceu no Rio de Janeiro. Realizado naquele dia, o enterro não parecia deixar dúvidas sobre seu prestígio e reconhecimento. Segundo um jornal, “uma multidão se premia para prestar as últimas homenagens ao escritor”, dificultando a passagem do caixão. Ao chegar ao cemitério São João Batista, o cortejo foi recebido por um grupo de escoteiros, que “fizeram continência à passagem do esquife”.⁴ Personalidades diversas discursaram junto com membros da Academia Brasileira de Letras e da Escola Dramática Municipal em frente ao tumulto, enquanto os representantes enviados pelo dr. Pedro Ernesto, interventor no Estado, por vários ministros de estado e pelo próprio presidente Getúlio Vargas espremiavam-se no meio da multidão. Na Câmara dos Deputados, os representantes de seu estado natal pediam a palavra para render-lhe honrarias, enquanto, nos estádios de futebol, em sua homenagem, era feito um minuto de silêncio antes das partidas. Por toda cidade as manifestações de pesar se sucediam, evidenciando o grande destaque do falecido.

2 Martins Fontes. *Terras da fantasia*. Santos: Instituto D. Escolástica, 1933, p. 15.

3 Jota Efegê. *Ameno Resedá, o rancho que foi escola*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1965, p. 47-48.

4 “Os funerais de Coelho Netto”. *Correio da Manhã*, 30 de novembro de 1934.

As notícias sobre sua morte, que ocupavam inúmeras colunas das folhas diárias cariocas, explicavam tratar-se de um literato de grande renome. Descrito como “uma das figuras tradicionais da literatura brasileira”, Coelho Netto era saudado como “uma das expressões de maior luminosidade e de maior pujança mental que tem dignificado, no Brasil, a carreira de homem de letras”. Com tanto destaque, não era de se estranhar a previsão lançada por um dos redatores do jornal: “o Brasil guardará o seu nome. Ele será sempre, na história literária deste país, uma figura que brilhará intensamente”, garantia sem rodeios.⁵

A despeito do entusiasmo manifesto naquele momento, o futuro não confirmou as previsões do jornalista. Apesar do prestígio de que gozou em vida, o nome de Coelho Netto permanece hoje muito longe do brilho anunciado no momento de sua morte. Separadas por mais de seis décadas, a popularidade desfrutada pelo autor no final da vida em nada se assemelha à indiferença com a qual é hoje evocada sua memória. Embora muitos de seus companheiros de geração, como Olavo Bilac, Aluísio Azevedo e Raul Pompéia, sejam reconhecidos como autores fundamentais da história literária brasileira, o romancista aparece em um segundo plano nas análises da atualidade. Apesar das tentativas de alguns cultores da memória do escritor, que, ao longo da década de 1980, esmeraram-se em render-lhe homenagens,⁶ seu nome parece distante do panteão das artes nacionais. Relegado ao culto de poucos admiradores e a ocasionais estudos universitários, ele acabou por sumir quase completamente dos cânones da história literária brasileira – aparecendo apenas, como assombração, em breves trechos de alguns manuais de literatura.⁷

5 “Morreu Coelho Netto”. *Correio da Manhã*, 29 de novembro de 1934.

6 É o caso, por exemplo, do jornalista Eliezer Bezerra. Autor do livro *Coelho Netto e a onda modernista*, de 1982, ele tentava, no começo da década de 1980, erguer o “Centro Cultural Coelho Netto” em Caxias, cidade natal do literato, e planejava ainda construir um busto em sua homenagem em frente à Academia Brasileira de Letras. Cf. Carta de Eliezer Bezerra a Zita Coelho Netto, 5 de março de 1983 (acervo particular).

7 Uma das exceções, nesse sentido, é a dissertação de mestrado de Daniela Candido, que tem o declarado objetivo de “retirar Coelho Netto de seu limbo” de modo a “reavaliar a imagem que dele ficou”. Daniela M. B. Candido. *O último dos helenos. Coelho Netto e a construção da identidade brasileira*. 1998. Dissertação (Mestrado em História Social) – IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro, 1998, p. 6.

Tal disparidade tem, como correspondente direto, as profundas oscilações na fortuna crítica que sua obra acumulou ao longo do tempo.⁸ Por um lado, seu talento era saudado desde as primeiras produções por figuras de renome no cenário das letras nacionais. Ao comentar em 1893 seu romance de estreia, intitulado *A capital federal*, Adolfo Caminha o descrevia como um livro “que se recomende imediatamente pelo estilo e pelo vigor de imaginação” do autor, no qual via um talento “sóbrio e conciso”.⁹ Tal avaliação era compartilhada por escritores de renome, como Machado de Assis – que, em crônica escrita em 11 de agosto de 1895, por ocasião do lançamento do romance *Miragem*, afirmava ver em Coelho Netto um “dos nossos primeiros romancistas, e, geralmente falando, dos nossos primeiros escritores”¹⁰. Carmen Dolores, cronista do jornal *O Paiz*, reconhecia, em 1905, que dentre os nomes que tinham “o mais vivo poder” sobre “seus nervos”, figurava com destaque o de Coelho Netto.¹¹ Tantos elogios levaram alguns contemporâneos a avaliações grandiloquentes, como a do crítico Nestor Vitor: vendo nele um “virtuoso da prosa”, afirmava não existir na literatura brasileira “outro que lhe seja superior na faculdade da expressão”.¹² Não parece assim um acaso que Coelho Netto tenha conquistado, em 1928, o título de “Príncipe dos prosadores brasileiros”, em eleição promovida pela revista *O Malho* entre os escritores do período.

Os motivos da valorização da obra de Coelho Netto por parte da crítica eram claros. Mais do que seu estilo ou imaginação, era a caracterização fiel que fazia dos tipos e das práticas sociais retratadas em seus romances que parecia fascinar os contemporâneos. Embora reconhecesse nele “o dom da invenção, da composição, da descrição e da vida”, Machado de Assis considerava o escritor um “romancista que podemos chamar historiador, no sentido de contar a vida das almas e dos costumes” – indicando

8 Tal fortuna crítica mereceu uma excelente análise por parte de Marcos Aparecido Lopes, autor de *No purgatório da crítica. Coelho Netto e o seu lugar na história da literatura brasileira*. 1997. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – IEL/Unicamp. Campinas, 1997 – trabalho do qual partem as análises críticas colocadas a seguir e muitas das referências aqui utilizadas.

9 Adolfo Caminha *apud* Marcos Aparecido Lopes. *No purgatório... Op.cit.*, p. 195.

10 Machado de Assis. “A semana”. *Gazeta de Notícias*, 11 de agosto de 1895.

11 Carmen Dolores (Emília Moncorvo de Melo). “A semana”. *O Paiz*, 26 de março de 1905.

12 Nestor Vitor *apud* Marcos Aparecido Lopes. *No purgatório... Op.cit.*, p. 196.

como qualidade principal o fato de que era um “observador de pulso”.¹³ Adolfo Caminha, por sua vez, mostrava-se impressionado com a capacidade de o autor reproduzir nos romances “as cousas com fidelidade admirável”. Ainda que crítico em relação à ausência de “um ideal literário perfeitamente claro” em sua obra, assim como à falta de consistência de alguns personagens, fascinava-lhe a riqueza das descrições e a habilidade com a qual reproduzia aspectos da realidade, “fotografando a vida sem artificios”.¹⁴ A imagem do fotógrafo, que reproduz a realidade tal qual ela é, seria retomada por Nestor Vitor, que via o cérebro do escritor como “uma excelente kodak: por onde ele passa os olhos, vai automaticamente tomando clichês que lhe ficam para sempre, nítidos e fixos, como platinotipias, na memória”.¹⁵ Com o poder de fixar de forma direta a realidade que via, Coelho Netto era saudado como um retratista do tempo, ressaltando-se o “aspecto documental” de sua obra.¹⁶

Apesar dos elogios, no entanto, Coelho Netto não deixou de experimentar também ao longo da vida críticas veementes, que se voltavam principalmente para os exageros de seu estilo rebuscado e imaginativo. Se era justamente a fidedignidade dos quadros por ele retratados que garantiam a boa aceitação de seus livros por parte dos leitores, desde a estreia nos jornais cariocas ela mereceu censuras como as de Valentim Magalhães – que criticou seu primeiro conto por ver nele “uma adjetivação excessiva” e um “estilo super-abundante”.¹⁷ Tais exageros narrativos, que muitas vezes lhe valeram a censura dos próprios companheiros de letras,¹⁸ marcariam o tom geral das contestações à sua produção literária. José Veríssimo, um de seus mais severos opositores, atacou o “estilo túmido, pomposo, sobrecarregado de frases aparatosas, de vocábulos raros, antiquados, de todo fora de uso ou estranhos ao falar brasileiro”. [CONTINUA...]

13 Machado de Assis. “A semana”. *Gazeta de Notícias*, 11 de agosto de 1895.

14 Adolfo Caminha *apud* Marcos Aparecido Lopes. *No purgatório... Op. cit.*

15 Nestor Vitor *apud* Marcos Aparecido Lopes. *No purgatório... Op. cit.*

16 Marcos Aparecido Lopes. *No purgatório... Op. cit.*, p. 204.

17 Quem conta a história é o próprio Coelho Netto, em crônica escrita por ocasião do falecimento de seu antigo crítico. Coelho Netto. *A bico da pena*. Porto: Livraria Chardron, 1919, p. 315.

18 Ver, a respeito, o romance memorialístico em que o autor narra alguns diálogos nos quais Aluísio Azevedo se mostraria contrário à sua mania de orientalismo e ao seu estilo imaginoso. Coelho Netto. *A conquista*. 2. ed. Porto: Chardron, 1913[1899].